

LUTA MÉDICA ENTREVISTA RODOLFO TEIXEIRA

Dr. Rodolfo Teixeira é Professor Titular de Doenças Infecciosas e Parasitárias da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia e Coordenador do Centro de Estudos Prof. Dr. Egas Moniz. Autor do livro “Memória Histórica da Faculdade de Medicina”, o professor Emérito da UFBA, com Doutorado em Infectologia.

Como estudioso da história da Medicina, que significado tem, para a Bahia e para o Brasil, o marco dos 200 anos da primeira Escola de Medicina, a ser comemorado em 2008?

É um resgate da história. Até 1808 Portugal dominava o saber da Medicina, que no Brasil era exercida por quem não tinha formação. A criação da Escola foi um passo especial, porque marca o momento da liberação, de se andar com os próprios pés. A Escola era um núcleo de formação de pessoas na arte de curar; abriu campo para talentos como o de José Lino Coutinho, que impulsionou a instituição. Foi a primeira faculdade de ensino superior no País, o que, a partir de então permitia ao brasileiro estudar aqui mesmo.

Qual a importância do projeto de restauração da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus?

É preciso dizer que a restauração não é apenas da estrutura física. Mais importante é o que se restaura enquanto história, enquanto tradição do conhecimento e resgate da dignidade médica na Bahia.

Muita gente não sabe, mas a Faculdade da Bahia é pioneira em pesquisas. Muito antes de Manguinhos. E existem registros prodigiosos disso, através da edição da Gazeta Médica da Bahia, lançada em 10 de julho de 1866, que teve seu primeiro ciclo de circulação até 1932. Nesse contexto, podemos destacar, por exemplo, a escola Tropicalista da Bahia, antes da escola de Nina Rodrigues.

A Faculdade de Medicina sofreu com um incêndio, em 1905. Uma perda irreparável do acervo de conhecimento ali depositado.

Registros de pesquisas e estudos se perderam para sempre. Mas graças ao empenho de Alfredo Tomé de Brito e, posteriormente, de J.J. Seabra, a escola foi reerguida e ampliada, evoluindo muito a partir de 1908.

Para mim, porém, o pior “incêndio” foi o da década de 60, que coincidiu com a reforma universitária. De lá pra cá assistimos à decadência, ressalvada uma tentativa de restauração do reitor Macedo Costa.

O Sr. continua registrando a história da Medicina? Existe algum livro no prelo?

A história é minha segunda paixão. Primeiro vem a medicina. Meus registros são permanentes. Estou sim com um livro pronto para publicação, “Reflexões sobre as origens e as etapas evolutivas das doenças infecciosas e parasitárias da Bahia”, deve ser logo lançado.

Como o Sr. vê o atual quadro da saúde na Bahia? Que mudanças podem ser assinaladas a partir da recente mudança de governo?

Não se resolve pelas entidades, nem pelos médicos. O problema é estrutural. É a pobreza, é a desnutrição, são os desequilíbrios de toda ordem. A saúde está ligada ao aspecto social que está aí.

Infelizmente temos uma linha divisória determinada por quem tem e quem não tem dinheiro.

Você sabe quanto ganha um médico, por uma consulta do SUS?

Pois eu lhe digo, três reais! Isso mesmo: um, dois, três. Isso é possível?! É preciso mudança de concepção, deixar de lado essa ânsia pelo lucro, o hedonismo exacerbado.

A saúde requer educação, alimentação e medidas preventivas. E ninguém é capaz de mudar uma estrutura da noite para o dia.